









ALÉM DA ABA: CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS HUMANISTAS NO CUIDADO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

BEYOND ABA: CONTRIBUTIONS OF HUMANISTIC APPROACHES TO THE CARE OF AUTISM DISORDER

-   Marcos Roberto de Sousa Gomes Filho, Centro Universitário Inta, Sobral, Ceará, Brasil.
-   William Carvalho de Sousa, Faculdade Maurício de Nassau, Sobral, Ceará, Brasil.
-   Rosymile Andrade de Moura, NUCAFE.

ALÉM DA ABA: CONTRIBUIÇÕES DAS ABORDAGENS HUMANISTAS NO CUIDADO DO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

BEYOND ABA: CONTRIBUTIONS OF HUMANISTIC APPROACHES TO THE CARE OF AUTISM DISORDER

Marcos Roberto de Sousa Gomes Filho¹
William Carvalho de Sousa²
Rosymile Andrade de Moura³

Resumo: Quando se fala sobre os cuidados ao TEA (Transtorno do Espectro Autista), as discussões sempre abordam a terapia ABA (sigla para Applied Behavior Analysis), o que pode acabar sendo um pouco restritivo, visto que por mais eficiente que seja, as lentes comportamentais podem acabar tirando um pouco a liberdade da criança com TEA para se expressar e ser no mundo. O trabalho não tem como objetivo criticar a terapia ABA, afinal, o campo comportamental produz condições e possibilidades muito boas para o cuidado. O trabalho tem como objetivo evidenciar como a aplicação de outras práticas podem ser benéficas para o cuidado com crianças com TEA. O estudo se trata de uma revisão bibliográfica por meio de bases de dados como Google Acadêmico, Scielo e PePSIC, além de leituras de autores renomados da área. As abordagens humanistas nos cuidados com o TEA têm como foco proporcionar para a criança a liberdade para exercer seu ser e sua subjetividade, sem depender necessariamente do diagnóstico. Além disso, é importante entender como a criança entende experiência os fenômenos que a cercam, respeitando sua subjetividade, ao invés de tentar olhar pelas lentes de um transtorno.

Palavras-chave: Espectro autista; Abordagens Humanistas; Cuidados.

Abstract: When discussing ASD (Autism Spectrum Disorder) care, discussions often focus on ABA (Applied Behavior Analysis) therapy, which can be somewhat restrictive, given that, however effective it may be, behavioral approaches can end up taking away some of the freedom of children with ASD to express themselves and be in the world. This work is not intended to criticize ABA therapy; after all, the behavioral field produces excellent conditions and possibilities for care. The work aims to highlight how the application of other practices can be beneficial for the care of children with ASD. The study is a literature review using databases such as Google Scholar, Scielo, and PePSIC, as well as readings by renowned authors in the field. Humanistic approaches to ASD care focus on providing children with the freedom to exercise their individuality and subjectivity, without necessarily relying on a diagnosis. Furthermore, it is important to understand how the child understands and experiences the phenomena that surround them, respecting their subjectivity, rather than trying to look through the lens of a disorder.

Keywords: Autism spectrum; Humanistic approaches; Care.

¹Acadêmico do curso de psicologia do Centro Universitário Inta – UNINTA. E-mail: marquinhosfilho222@gmail.com

²Bacharel em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), acadêmico em psicologia da Faculdade Mauricio de Nassau – UNISSAU-SOBRAL e acadêmico em pós-graduação em Avaliação Psicológica na Unitec-Sobral. E-mail: sousawilliam2025@gmail.com

³Psicóloga graduada pelo Centro Universitário Inta - UNINTA, Especialização em Psicologia Educacional pela Faculdade de Quixeramobim - UNIQ. Pós-graduada em Psicologia em Saúde e Psicopatologia Fenomenológica pelo Instituto NUCAFE. Formação como Acompanhante Terapêutico pelo Instituto DOCERE. Atualmente é docente do curso de Psicologia no Centro Universitário Inta - UNINTA. E-mail: psirosyandrade@gmail.com

INTRODUÇÃO

Cotidianamente é possível ver como os tratamentos para os transtornos do espectro autista acabam sendo resumidos à certos métodos, principalmente no escopo da psicoterapia, onde a prática que frequentemente é reconhecida e recomendada no tratamento de pessoas diagnosticadas com (TEA) Transtorno do Espectro Autista é a terapia ABA (sigla para *Applied Behavior Analysis*, ou Análise do Comportamento Aplicada).

É cabível destacar que esse trabalho não tem como objetivo tecer críticas à terapia ABA, afinal, o campo de contribuições das teorias comportamentais produz condições de possibilidade para o cuidado. O objetivo é evidenciar como a aplicação de outras práticas, percepções e intervenções podem ser benéficas para o cuidado de crianças com TEA (Transtorno do Espectro Autista). O presente trabalho tem como lente a ênfase de investigação da Fenomenologia-existencial, ACP (Abordagem Centrada na Pessoa), e a prática da ludoterapia não diretiva.

Tendo em vista, que cada pessoa com TEA manifesta-se no mundo a partir de sua singularidade, deve ser compreendida em sua unicidade, de forma que a subjetividade da pessoa com o transtorno seja respeitada na relação intersubjetiva com o mundo. Segundo Ribeiro (2016, p. 48), "(...) o homem é visto não como ser universal, diluído na ideia como pensava Hegel, mas antes como ser particular, concreto, com vontade e liberdade pessoais, consciente e responsável". Sendo assim, a ideia principal dessa discussão traz a provocação de que o autismo seja compreendido como sua forma de ser-no-mundo disponível para as condições e possibilidades na experiência imediata, distanciando-se da percepção limitante do diagnóstico com um fim meramente classificatório em prol de estabelecer medidas de tratamento embasados nas técnicas do terapeuta. Dessa forma, propõe-se que ao exercer cuidado pleno e ofertar disponibilidade de compreensão é possível traçar um percurso de cuidado inclinado a história de vida, limitações e potencialidades do paciente, com enfoque nas atitudes facilitadoras para o exercício de sua liberdade e singularidade, resultando em condições de vivenciar uma existência autêntica.

Campos (2006) destaca que a psicologia humanista surgiu nos Estados Unidos (EUA), no final da década de 1950, ganhando força nos anos seguintes, sobretudo na década de 60 no contato com o movimento de contracultura vigente, qual buscava um tensionamento da sociedade tecnocrática e contestando as imposições sociais, culturais,

política e teóricas. A psicologia humanista desenvolve-se como a terceira força da psicologia, em contraposição ao behaviorismo e à psicanálise, como resposta à insatisfação aos modos de compreensão na psicologia vigente. Os psicólogos da época estavam descontentes com a forma que a psicologia da época estava sendo pensada e aplicada, apontado para os reducionismos e determinismo que mantinham enquanto imperativo de entendimento. As críticas e tensionamentos às duas grandes forças se davam ao behaviorismo na interpretação do comportamento como resultado de fatores ambientais e genéticos, enquanto na psicanálise via as ações como relacionadas a questões inconscientes preexistentes. Em ambas as teorias destaca-se que a Psicologia humanista compreende determinações que visavam explicar ao invés de compreender as demandas de sofrimentos psicológicos.

Em 1908 o termo autismo foi utilizado pela primeira vez pelo psiquiatra suíço Eugen Bleuler para descrever sintomas de retraimento da esquizofrenia. Já em 1943 foi utilizado pelo austríaco Leo Kanner quando estudava o comportamento de 11 crianças que apresentavam comportamento semelhantes, descreveu o autismo como uma síndrome comportamental em crianças com dificuldades sociais e restrições a mudanças.

O autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento, ou seja, é integrador da existência do ser desde sua formação embrionária. De acordo com Neto e Murador (2020 p. 2) o termo “autismo” vem do grego autos e significa “eu mesmo”, refere-se a alguém introvertido, voltado para si mesmo e que não demonstra interesse pelo mundo exterior. Atualmente o termo utilizado é TEA, tal sigla engloba a ampla variedade de formas, sintomas e níveis de suporte que as pessoas autistas podem apresentar. Pode-se observar desde pessoas que interagem socialmente, mas com certos desafios, até pessoas que não falam. Essas vastas formas de existir na relação com os outros no mundo corresponde a algo inapreensível pelas classificações diagnósticas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho parte de uma revisão bibliográfica, de método fenomenológico e cunho qualitativo. De acordo com Gil (2008) a revisão bibliográfica tem como objetivo proporcionar uma visão geral das principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema de pesquisa. A revisão bibliográfica se trata de uma análise crítica e detalhada de literatura publicada sobre um determinado tema, com o objetivo de embasar

um trabalho científico. Ela serve para contextualizar a pesquisa, identificar o que já se sabe, além de lacunas no conhecimento e quem são os principais autores na área.

Silva (2008) frisa que a utilização do método fenomenológico, para além do uso na abordagem fenomenológica, é de grande valia na tentativa de compreensão sobre os aspectos de sofrimento, já que se trata de um método que visa uma atitude compreensiva e não somente explicativa sobre os fenômenos.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas pesquisas em artigos e monografias em base de dados eletrônicos como: Google Acadêmico, Scielo e PePSIC. Também foram estudados livros de autores referenciais da abordagem humanista, como Carl Rogers, Arthur Tatossian e Jorge Ponciano Ribeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com os estudos relacionados a TEA, muitas das vezes, dependendo do nível de suporte do cliente, e do profissional que está conduzindo o processo, o contato que os dois têm pode ser positivo ou negativo, logo as demandas que o cliente pode apresentar no momento da consulta, são primordiais para que o terapeuta possa conduzir e se ajustar de forma criativa no contato com o cliente. De forma a não comprometer o processo de aplicação da ABA. O ajustamento criativo para Perls (1997) é uma condição de possibilidade do sujeito em meio a um desajuste. Sendo assim, no ajustamento criativo, o terapeuta olha o sujeito a fim de perceber as suas queixas e conflitos, ajustando o processo para ele se sentir conectado.

Diferentemente da ABA, quando falamos de ludoterapia não-diretiva, o cliente tem uma liberdade muito maior, e o fato de não estar sendo diretamente conduzido pelo profissional pode até acabar facilitando o vínculo terapeuta-cliente, pois a pessoa pode ver aquilo como um momento mais leve e tranquilo, de tal forma que facilita a adaptação a um processo novo. A ludoterapia é realizada por meio do lúdico, do brincar. Este tipo de terapia tem como objetivo facilitar a expressão e o desenvolvimento da criança, pois é através do jogo e da brincadeira que ocorre naturalmente, a expressão infantil. Assim, a criança vai conseguir achar as melhores possibilidades para lidar com suas demandas e se libertar para o autodesenvolvimento (Neto; Murador, 2020).

A ACP é uma das principais teorias do humanismo quando falamos de psicoterapia infantil, de acordo com Neto e Murador (2020) a psicoterapia infantil viu um grande

crescimento nos últimos 50 anos, principalmente por meio da abordagem centrada na pessoa. A ludoterapia pode usar a ACP como base para seus processos, nesse caso, a função do terapeuta é garantir que a criança consiga atingir a autorrealização, em “tornar-se pessoa” (1961) Carl Rogers fala sobre o conceito de autoatualização, que seria uma tendência inata do ser humano de desenvolver suas próprias capacidades e potencialidades, buscando um “eu autêntico”.

A fenomenologia é o estudo dos fenômenos, das coisas que surgem na consciência, das coisas que são dadas em si mesmas, portanto, pode-se dizer que é forma de conceber o mundo filosoficamente (Brito; Martins; Hoffman, 2024). O campo da fenomenologia permite aproximar o sujeito de suas experiências, dos fenômenos, dessa forma proporcionando que ele possa as descrever sem julgamentos. Essa visão proporciona que o autismo vá além do diagnóstico, podendo mudar o foco da prática do simples diagnóstico do autismo como um transtorno mental ou déficit, para uma conversa sobre como o sujeito experiencia os fenômenos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua obra ser e tempo, Heidegger (2024) fala sobre o termo dasein, cujo a tradução mais aceita é “ser-aí” ou “ser-aí-no-mundo”. Dasein seria o ser humano enquanto em uma existência de possibilidades, o humano é um ser de possibilidades, ele se faz no mundo, enquanto também é feito pelo mundo. Portanto, nesse sentido, ao invés de se olhar para um estudo do TEA, na verdade o que as práticas humanistas realmente querem é ver como o sujeito entende as possibilidades e as singularidades que esse estado traz para suas vivências, entendendo que ele é um sujeito singular, que o diagnóstico e as classificações não definem como ele vai ser no mundo.

Portanto, fica claro que abordagens não diretivas, como a ludoterapia não-diretiva, podem se provar muito favoráveis para o desenvolvimento infantil, pois proporcionam para a criança sua expressão e seu exercício de liberdade por meio do brincar. Quando se entende o que as abordagens humanistas realmente buscam, percebe-se que dessa forma a criança com TEA não vai se ver definida, muito menos limitada pela sua condição, mas vai entender que isso na verdade são possibilidades para que ela possa explorar.

REFERÊNCIAS

- BRITO, Daniele Katuscia Scatolin; MARTINS, Aline Cristina; HOFFMANN, Thiago dos Reis. **A abordagem humanista com indivíduos que apresentam sinais do transtorno do espectro autista – TEA**. Repositório Cognia, 2024.
- CAMPOS, Ronny Franczy. Ética Contemporânea: os anos 60 e o projeto de psicologia humanista. **Epistemo-somática**, v. 3, n. 2, p. 242-262, 2006.
- CARDOSO, Juliana Antonio. A Gestalt-terapia no tratamento do transtorno do espectro autista – TEA. Uma intervenção possível. **Revista IGT na Rede**, v. 19, n. 36, 2022. p. 62 – 75.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Minerva Heritage Press, 2024.
- NETO, Manoel Lopes; DOS SANTOS MURADOR, Fabiana. A LUDOTERAPIA E A CRIANÇA AUTISTA VERSUS A ABORDAGEM CENTRADA NA PESSOA. **Revista Acadêmica Online**, v. 6, n. 33, p. e784-e784, 2020.
- PERLS, Frederick.; HEFFERLINE, R. F.; GOODMAN, P. **Gestalt-Terapia**. São Paulo: Summus, 1951/1997.
- RIBEIRO, Jorge Ponciano. **Gestalt-Terapia: Refazendo um caminho**. 9º edição. Editora: Summus Editorial. São Paulo. 2016.
- ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa**. WWF Martins Fontes, 2017.
- SILVA, Rosilda Verissimo; OLIVEIRA, Walter Ferreira de. O método fenomenológico nas pesquisas em saúde no Brasil: uma análise de produção científica. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 16, n. 3, p. 1421-1441, 2018.